

## REVISTA BIBLIOGRÁFICA

---

MAC-AULIFFE, CONSTANTIN, MONCHANIN, VALENSIN, LÉTARD, CUÉNOT, LÉONET, MAYET, PHILIP, PETIT — *Hérédité et Races* — 1 vol., Juvisy (sem data).

O grupo lionês de estudos médicos, filosóficos e biológicos reuniu num volume uma série de artigos de autorizados especialistas a respeito dos aspectos mais instantes dos problemas da hereditariedade e das raças. Como muito bem faz notar no prefácio o dr. René Biot, caminha-se, nesta colectânea, da biologia à medicina e à psicologia, e, de aí, à sociologia e à moral, mantendo-se uma unidade profunda através de meras divergências superficiais, e visando todos os capítulos as mesmas perspectivas: o cuidado da dignidade da pessoa humana.

A hereditariedade em geral é tratada por Létard; a questão da hereditariedade dos caracteres adquiridos é versada, com a sua notória competência, por Cuénot, que, como se sabe, se pronuncia pela negação dessa hereditariedade; Mac-Auliffe ocupa-se, com larga demonstração, da hereditariedade patológica, Leonet da hereditariedade psicológica normal e mórbida; o advogado Claude Petit e o professor de teologia Albert Valensin tratam a questão da hereditariedade, em especial o ponto de vista eugénico, a seu turno como sociólogo e como moralista; o dr. Lucien Mayet, o coronel Constantin e o prof. Philip estudam as raças, sucessivamente sob os aspectos da Antropologia física, da biologia e da psicologia, e da sociologia e política (racismo e gobinismo) — três estudos feitos com mestria e com superioridade de vistas. Emfim, uma síntese do rev. Monchanin sobre a origem do homem, impregnada das ideias do P.<sup>o</sup> Teilhard de Chardin e de Edouard Le Roy, serve de fecho a este volume.

Trata-se dum livro digno da mais ampla divulgação e no qual as tendências espiritualistas do grupo que o organizou, não desvirtuam nem omitem, na sua precisão, os múltiplos factos objectivos, antes os tomam como base científica das suas conclusões.

MENDES CORRÊA.

A. A. MENDES CORRÊA — Os grupos sanguíneos na genética — «Anais da Faculdade de Ciências do Pôrto» sob a direcção de F. Gomes Teixeira. Extr. do tomo XVI. Pôrto, 1931.

Em um folheto de 30 páginas, o autor, também já conhecido entre os especialistas que se consagram ao estudo da sorologia, expõe de modo claro e com o apoio do cálculo, a crítica das fórmulas e interpretações relativas à repartição dos grupos sanguíneos, como critérios da determinação químico-biológica dos indivíduos e das raças. É sobretudo devido à iniciativa e exemplo do sr. prof. Mendes Corrêa que em português figura já nutrida bibliografia sobre este assunto, mas é principalmente nos seus trabalhos de investigação e de crítica que a sorologia, neste ponto de vista, apresenta entre nós uma culminância grande.

Neste folheto ocupa-se o autor em particular do esquema de Bernstein, já comentado noutros trabalhos, entre os quais figura um em *l'Anthropologie*, t. XXXVI, 1926 (*Sur les prétendues races sérologiques*). Para tornar bem claro e compreensível o sistema de ideias acerca da constituição dos grupos sanguíneos, recorda o quadro de Jansky e as correspondências e símbolos de Dungen-Hirsfeld, que dizem respeito ao conceito hereditário destes grupos, em que se reconhece a exactidão das leis de Mendel, aplicadas aos animais. Faz depois a comparação com o esquema de Bernstein, cuja crítica estabelece, sobre análise matemática, formulando uma série de objecções, todas elas logicamente deduzidas e às quais o rigor daquele método confere segurança bastante. Análogamente procede com o sistema do professor japonês Furuhashi, que estudou a distribuição hereditária dos mencionados grupos em milhares de casos e que se considera análogo ao esquema de Bernstein. Não escapa também a este profundo exame o esquema de Melkich, posto que de menor importância. Conclui o autor, após a sua lúcida exposição, que as observações dos fenómenos relativos a semelhantes agrupamentos sorológicos se harmoniza com a teoria e o cálculo, que é apenas um método demonstrativo.

A sorologia dos grupos é um capítulo da Biologia que importa muito à nossa espécie e em que as regras da genética mendeliana têm surpreendente confirmação.

Este notável trabalho, em que se resume de forma engenhosa e clara a questão palpitante de interesse das determinações sorológicas, é fundamentado em quantidade de documentos e citações bibliográficas, que lhe dão enorme valor.

BETHENCOURT FERREIRA.

BARBOSA SUEIRO — Sur la transmission héréditaire de l'epicanthus lateralis — In «Arquivo de Anatomia e Antropologia», vol. XIII, Lisboa, 1929-1930, págs. 583-586, 3 figs.; Note sur la basalité du sacrum chez les portugais, id. id., págs. 586-589, 3 figs. e 1 gráfico; Sobre a úvula bifida, id. id., págs. 589-594, 1 fig.

O A. propõe o nome de «epicanthus lateralis» a uma prega que por vezes aparece no ângulo externo dos olhos como que prolongando a pálpebra superior para baixo, prega que estuda numa família de Lisboa, e nessa família transmitida por hereditariedade.

Como consequência da criação do nome de «epicanthus lateralis» propõe também que a prega interna do olho que é conhecida pela designação simples de «epicanthus» passe a chamar-se «epicanthus medialis».

No segundo trabalho estuda a basalidade em 200 sacros masculinos e 190 femininos, sacros que observou nas colecções do Museu Bocage, (Fac. de Ciências de Lisboa — Colecção Ferraz de Macedo) e do Instituto de Anatomia da Fac. de Med. de Lisboa.

Ao contrário de Radlauer que achou para os europeus uma maior frequência de hipobasalidade, o dr. Barbosa Sueiro encontrou para os portugueses (os dois sexos reunidos) homobasalidade, embora no sexo feminino predomine a hiperbasalidade.

Sobre a úvula bifida é a descrição dum caso de bifidez parcial da úvula. Faz considerações sobre a frequência desta anomalia, que é certamente menos vulgar do que alguns autores afirmaram. Tenta explicar esta má formação por perturbações durante o desenvolvimento embriológico. Menciona a opinião de Xavier da Silva segundo a qual esta disposição da úvula seria um estigma de heredo-sifilis embora no caso presente a reacção de Wasserman fôsse negativa e não haja sinais de sifilis herdada ou adquirida.

SANTOS JÚNIOR.

EGON FRHR VON EICKSTEDT — Untersuchungen an philippinischen Negrito-Skeletten — Extr. de «Zeitschr. f. Morphol. u. Anthropol.», vol. XXIX, fasc. 2 e 3. 1931.

É um estudo muito detalhado de dois esqueletos de negritos existentes no Museu de História Natural de Viena, apresentado como mais uma contribuição para o esclarecimento do problema dessa raça humana.

O autor observou os caracteres descritivos e métricos do crânio, coluna vertebral, sacro, tórax, cintura escapular e extremidades superiores e inferiores, e trata de relacionar os resultados obtidos para fixar a posição dos Negritos dentro dos agrupamentos humanos conforme já indicou na sua nota «Die Negritos und das Negrito-problem» (Vide «Trab. Soc. Port. Antr. Etn.», vol. IV, pág. 210).

É mais uma valiosa contribuição para o estudo do problema dos Negritos que o autor também estudou *in loco*.

A. ATHAYDE.

DR. LOTHAR LOEFFLER — Röntgeschädigung der männlichen Keimzelle und Nachkommenschaft — Extr. de «Strahlentherapie», vol. 34, 1929.

Depois de estudar as condições externas para que a célula sexual humana seja influenciada pelos raios X, analisa o autor o problema de baixo do ponto de vista eugénico, bem como o efeito da mesma radiação sobre os *génos* e as observações feitas até agora no homem e na mulher.

Em seguida apresenta o resultado dum questionário dirigido a todos os indivíduos que trabalham em radiologia, separando os médicos dos técnicos, físicos e engenheiros.

O autor conclui por afirmar que ainda estamos longe de poder dar uma resposta à pergunta se os raios X são prejudiciais à descendência dos indivíduos expostos à sua influência, e que para a poder obter, é necessário deixarmos elementos aos vindouros. É por isso que apresenta este estudo como um princípio a que se seguirá um trabalho de maior envergadura.

A. A.

S. FRÓES ABREU — Na Terra das Palmeiras (Estudos brasileiros) — I vol. ilust., Rio de Janeiro, 1931.

Os índios do Maranhão agrupam-se em dois tipos: os *Tupis* e os *Gês*. O autor estudou minuciosamente, numa sua viagem ao Maranhão, os caracteres somáticos, psíquicos e sociais dos *Quajáras*, pertencentes ao primeiro grupo e muito espalhados naquele território, e dos *Canelas*, pertencentes ao segundo grupo e hoje fixados em parte dos campos do planalto maranhense, entre as

nascentes do Alpercatas e o rio Corda, em número não superior a 500 indivíduos. São nítidas as diferenças entre os dois agrupamentos estudados, quer no ponto de vista físico, quer nos pontos de vista psíquico, linguístico e social. Tem particular interesse as considerações do ilustre professor brasileiro sobre as relações entre os índios e os brancos da região, muitas vezes prepotentes e cruéis para com aqueles, explicando-se assim certos episódios sangrentos da história local.

O estudo antropológico e etnográfico é antecedido duma substancial explanação sobre a geologia, mineralogia, flora e fauna do Maranhão, fechando o livro com uma conscienciosa síntese sobre a história demográfica, social e económica da respectiva população.

Ilustrado amplamente e apresentado, num prefácio curto mas sugestivo, pelo eminente prof. Roquette Pinto, o volume *Na Terra das Palmeiras* honra a literatura científica brasileira e põe mais uma vez em evidência as qualidades de observação, a vasta cultura e o zelo investigador do sr. Fróes Abreu.

M. C.

BERTA NIGGLI — Anthropologische Untersuchung in Zürcher Kindergärten mit Berücksichtigung der sozialen Schichtung — Dissertação de doutoramento — Zurich, 1930.

A autora apresenta um estudo muito detalhado do desenvolvimento das crianças dos jardins da infância de Zurich, tendo em consideração a classe social dos pais.

A maneira cuidada e minuciosa como estão estudados todos os caracteres antropológicos observados e ainda algumas correlações entre os mesmos caracteres, dá a este trabalho um grande interesse dentro da antropologia infantil.

Seleccionadas as medidas que mais convinhem para a orientação a seguir, foram observadas 646 crianças, sendo 346 rapazes e 300 raparigas, entre os 4 e 7 anos de idade. Sobre 39 medidas foram calculados cerca de 45 índices. O total foi dividido em 5 grupos por idades e 4 segundo a classe social. Todas as seriações foram feitas com rigor, estando reproduzidas em belos gráficos as linhas empíricas da variação dalguns caracteres.

As conclusões a que a autora chega, são muito interessantes e por isso não queremos deixar de traduzir algumas que se seguem:

O acrómio é sempre um pouco mais alto que o suprasternal. A altura relativa do tronco diminui devagar com a idade.

A relação entre a distância biacromial e a altura do tronco mantém-se geralmente constante durante o crescimento.

O comprimento do fémur apresenta aumentos consideráveis; cêrca de  $\frac{1}{4}$  do crescimento total.

O índice de corpulência diminui com a idade.

O comprimento da cabeça cresce muito mais rapidamente nos rapazes do que nas raparigas.

A largura é também maior mas com diferenças de valores muito menores.

E dentre os resultados colhidos tomando em consideração a classe social:

Relativamente à estatura as classes melhor situadas ultrapassam as outras.

O péso corresponde em tôdas as classes à estatura.

O perímetro torácico apresenta valores semelhantes nas duas classes.

O índice de corpulência é maior nas crianças mais novas das classes abastadas, mas diminui muito mais rapidamente, apresentando as crianças mais velhas das outras classes valores maiores.

Não podemos deixar de felicitar a autora e o prof. Schlaginhauffen por êste trabalho que muito honra o Instituto de Antropologia da Universidade de Zurich.

A. A.

L. FRANCHET — Etude d'ethnographie agricole — Les survivances préhistoriques — Extr. da «Revue Scientifique», Paris, 1921.

Êste trabalho do eminente investigador francês enumera sobrevivências prehistóricas curiosas na utensilhagem e costumes agrícolas da região da Béauce, França, especialmente pelo que diz respeito ao descasque das árvores. Êste far-se-ia desde o neolítico, atribuindo Franchet essa utilização a certas peças líticas dessa época, como depois sucederia com vários instrumentos em pedra, metal e osso de épocas subsequentes.

Poucos cientistas relacionarão com tanta sagacidade a prehistória com a etnografia actual. Franchet não se limita a descrever secamente os documentos, antes procura interpreta-los com comparações felizes. O seu método tem-no conduzido a conclusões originais e meritórias.

M. C.

F. LÓPEZ CUEVILLAS y F. BOUZA BREY — La civilización neoneolítica gallega — Sep. del «Archivo Español de Arte y Arqueología», núm. 19, Madrid, 1931, 21 págs., 20 figs. e 1 mapa.

Os autores são dois galegos ilustres que à arqueologia da sua pátria teem dedicado esforço inteligente numa série de bons trabalhos que desde há anos veem publicando. O trabalho que analisamos, constitui uma bela síntese sôbre a cultura neo-eneolítica galega.

Começam os AA. por fazer a história da laboriosa investigação que tem versado esta tão interessante como rica época da prehistória galega, analisando depois o número e a situação das necrópoles dolmênicas; a seguir vem o rol das pinturas e gravuras existentes nos esteios dalgumas antas galegas, e o inventário dos diferentes objectos que em excavações feitas nas mesmas se teem encontrado. São cheias de interesse as considerações relativas à quasi identidade existente nessa época entre a cultura do Minho e da Galiza marcando uma verdadeira cultura galaico-minhota bem distinta da do sul do Douro. Os dois últimos capítulos versam respectivamente o vaso campaniforme e o cobre, e as relações marítimas com a Bretanha.

S. J.

Catálogo dos Castros Galegos — Fasc. IV. Bisbarra de Melide — «Publicacións do Seminario de Estudos Galegos». Santiago, 1931.

As secções de Prehistória e de Etnografia e Folclore do Seminário dos Estudos Galegos, respectivamente dirigidas pelos eminentes investigadores Florentino Cuevillas e Vicente Risco, continuam a tarefa meritória de inventariar e descrever os numerosos castros da Galiza, não esquecendo, a par das indicações topográficas, arquitectónicas, métricas e arqueológicas, tudo o que pode interessar ao seu folclore e a sua bibliografia.

Na área em questão foram catalogados nada menos de 39 castros. Valiosas considerações gerais constituem o epílogo do importante trabalho que honra a ilustre colectividade galega e que muito folgaríamos fôsse imitado relativamente ao território português.

M. C.

ANTÓN FRAGUAS FRAGUAS — **O Culto ós Mortos** — Retallo dunha conferencia pronunciada no Ateneo de Vigo o día 9 de Maio de 1931. «Nós», Publicacións Galegas e Imprenta Hortas, 20. Santiago.

Valioso trabalho etnográfico em que o ilustre investigador sr. Antón Fraguas Fraguas discute com grande brilho alguns aspectos do culto dos Mortos no folclore galego.

Estudo muito curioso, para nós portugueses, pela enorme semelhança que existe entre a maneira como os galegos e os minhotos encaram o simbolismo da morte.

De todos os assuntos tratados neste estudo seja-nos permitido destacar as quadras populares, pois que há em Portugal canções absolutamente iguais às citadas pelo autor.

Em resumo: opúsculo que merece ser lido por todos aqueles que se dedicam a assuntos de etnografia.

F. C. PIRES DE LIMA.

PADRE FRANCISCO MANUEL ALVES — **Chaves — Apontamentos arqueológicos** — (Conferência lida em Chaves na noite de 22 de Novembro de 1930). Gaia, 1931, 56 págs.

A inauguração da série de conferências que a Comissão Instaladora da Biblioteca e Museu Regional de Chaves se propôs realizar, foi, e muito acertadamente, confiada ao insigne erudito trasmontano e ilustre Director do Museu Regional de Bragança, o Rev. Reitor de Baçal, Padre Francisco Manuel Alves, orgulho da província que lhe foi berço, e o qual ali tem trabalhado inteligentemente uma vida inteira em assuntos de história e de arqueologia.

O presente trabalho, edição da Câmara de Chaves, é, como o sub-título o indica, uma série de apontamentos arqueológicos, uma espécie de rol onde as velharias de Chaves e terras vizinhas são anunciadas por quem com tanto carinho e interesse delas foi tendo conhecimento dia a dia.

Castros, com suas lendas de moiras encantadas, sepulturas cavadas na rocha, penedos baloiçantes, petroglifos e inscrições, lendas, crendices e várias notas folclóricas, de tudo isto trata um pouco o ilustre Director do Museu Regional de Bragança.

A publicação de que damos a resenha, compreende ainda os discursos que nessa ocasião fôram ditos pelos srs. Presidente da Câmara Municipal de Chaves, pelo Director da Biblio-

teca Erudita de Chaves, pelo sr. dr. Francisco de Barros Ferreira Cabral Teixeira Homem em nome da Comissão Instaladora da Biblioteca e Museu Regional de Chaves e pelo Director do Arquivo Distrital de Bragança.

S. J.

ALBERTO VIEIRA BRAGA — **Curiosidades de Guimarães — III Montarias** — (Subsídios históricos e etnográficos), sep. da «Rev. de Guimarães», Famacão, 1931, 70 págs.

Continuando a série de publicações que, sob o título genérico de «Curiosidades de Guimarães», se propôs realizar o distinto etnógrafo sr. Alberto Vieira Braga, dá-nos agora, a seguir ao trabalho versando «*Malta de salteadores — Uma quadrilha de nomeada*» (Vd. «Trab. Soc. Port. Antr. e Etnol.», vol. IV, pág. 439) um estudo sôbre a origem e disposições reguladoras das montarias dos lobos e outros animais daninhos.

O novo trabalho compreende os seguintes capítulos: Início e origem das montarias aos lobos — Nomeação de coudeis e Monteiros-mores — Representações e agravos contra as nomeações dos Monteiros-mores — Regimento dos Monteiros-mores das montarias dos lobos, e mais bichos das comarcas do Reino — Preparativos e abalada para as montarias aos lobos — Montarias de cêrco e caça de fôjo — Montarias à raposa.

Desde 1258, a várias das 106 freguesias que havia no termo de Guimarães, era imposto o *currere lupum* à maneira dos tributos e direitos reais da *voz, calúnia e fossadeira*.

Volvidos séculos passou para as Câmaras Municipais a superintendência na organização das montarias e nomeação dos coudeis e monteiros-mores.

O A. transcreve e comenta muitos documentos dos séculos XVII, XVIII e princípio do século XIX que àquele assunto dizem respeito.

À parte histórica segue-se a parte etnográfica, na qual o A. publica alguns dos costumes que ainda hoje, a cada passo, se observam nas povoações serranas do Minho e Trás-os-Montes, quando é abatido um lobo.

É cheio de brilho o capítulo sôbre os «preparativos e abalada para as montarias aos lobos», nas quais, a-pesar-de tôda a prudência, «¡quantos corpos ficariam, esfrangalhados em rasgar cerval de dentuças afiadas e rijas, carnes e farrapos, pelos piques duros do mato revelho!»

S. J.

HERMANN LAUTENSACH — Portugal — « Geographisches Jahrbuch ».  
Vol. XLV, pp. 178-203. 1931.

O ilustre professor de Giessen, a quem já se devem importantes estudos sobre o nosso território (V. *Trabalhos*, IV, p. 314), dá neste volume do Anuário Geográfico uma completa lista bibliográfica da actividade portuguesa em matéria geográfica nos últimos quinze anos.

Num primeiro grupo são indicadas 29 publicações periódicas especializadas; no segundo distribuem-se por dezassete parágrafos 178 estudos relativos à generalidade dos territórios, e no terceiro 78 estudos dedicados a cada uma das províncias continentais e insuares.

Por nada termos de semelhante entre nós, mais valioso se torna o excelente instrumento de consulta organizado pelo professor Lautensach.

R. DE SERPA PINTO.

JAIME LOPES DIAS — Em defesa do «folklore» nacional — 23 págs.  
Ed. do A. 200 exs. numerados. Famalicão. 1930.

O ilustre autor da *Etnografia da Beira* (Ver *Trabalhos*, IV, p. 22) teve a satisfação de apresentar o Orfeão de Castelo Branco na sua estreia no teatro da mesma cidade, figurando no programa numerosos *cantares* recolhidos na sua obra.

Neste discurso, agora publicado, é exaltada a música regional, traduzida quer nas canções religiosas pelo Nascimento, Janeiras, Alviçaras, Bemdito e Calvário; quer acompanhando quadras amorosas, ou patrióticas como esta:

Senhora do Almortão,  
Minha tão linda arraiana,  
Voltai costas a Castela  
Não queirais ser castelhana.

R. S. P.

TENENTE AFONSO DO PAÇO — Usos e costumes, contos, crenças e medicina popular — Sep. Rev. Lusitana, vol. XXVIII, Pôrto, 1930, 19 págs.

Registo etnográfico relativo ao Minho, ao Alemtejo e ao Algarve, onde o A. nos fala de procissões, casamentos, feiticeiras,

crenças várias, e nos dá uma boa mão cheia de medicações com que o povo julga remediar tantos males.

Pena é que o A. não haja colhido, ao menos na própria «Rev. Lus.» onde o seu trabalho se publicou, alguns elementos bibliográficos que viriam, certamente, valorizar a colectânea etnográfica de que damos notícia.

S. J.

HENRIQUE DE VILHENA — A expressão física da cólera na literatura — 2.<sup>a</sup> edição. Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina de Lisboa. 1931.

São já conhecidos e apreciados os volumes publicados pelo autor em matéria de Filosofia, com que tem enriquecido a literatura, sobre assuntos que se relacionam com as Ciências médicas. O facto de ser o sr. prof. H. de Vilhena lente na Academia das Belas Artes de Lisboa, explica-nos a origem e o motivo desta obra de profunda e vasta investigação.

O escritor, que não deixa o ponto de vista científico, trata aqui, ao mesmo tempo das alterações somáticas e fisiológicas produzidas pela cólera, as quais se encontram sob expressões literárias bem diversas nas grandes epopeias de todos os tempos, nas tragédias clássicas e modernas, nos poemas e nos romances, na profusão admirável das obras timbradas pelo génio de escritores célebres, cuja prosa ou cujos versos permanecem sem prejuízo do tempo e, assim como as telas ou as gravuras de mestres, fornecem documentação valiosa para representação dos chamados *estados d'alma*, e para fixar em traços indeléveis, melhor do que artificiosas descrições, as mudanças psíquicas impressas pelas grandes emoções.

Se o assunto é tentador para o psicólogo, não o é menos para o anatómico e para o fisiologista, sequer para o antropologista, e devemos dizer com justiça que êle encontrou no prof. H. de Vilhena todos os requisitos para bem o encarar e pôr em fóco, manejando com extrema facilidade os elementos de crítica que o seu vasto saber proporciona em abundância, manifestando copioso material de erudição.

A *expressão da cólera*, que para outros tratadistas se tornaria árida, ganhou no autor que analisamos, o vigor e a variedade de tintas, a elegância e a arte, que já lhe conhecemos como qualidades peculiares. É uma obra que merece ser lida pelos que cultivam as Ciências, mas especialmente pelos que prezam as excelen-

tes e invulgares peças literárias, que sobredouram os assuntos filosóficos, doutro modo hostís para os curiosos.

Sentimos não dispor de espaço para fazer demorada análise da presente edição.

B. F.

---

DR. FERREIRA DA FONSECA — Estudos médico-sociais sôbre a protecção a menores anormais e delinquentes — Lisboa, 1930.

O sr. dr. Ferreira da Fonseca foi durante muito tempo médico do Refúgio da Tutoria da Infância, situado no bairro da Senhora da Graça, em Lisboa, e aí fêz parte do pessoal dirigente e do tribunal apropriado para julgamento dos menores delinquentes. Foi mais tarde, e muito justamente, nomeado director dessa instituição, que entre nós tem prestado excelentes serviços, sendo que esta, como outras similares do país, constitui excelente modelo, tanto entre nós, como para o estrangeiro, a respeito da correcção de menores anormais e delinquentes. Nesta instituição o autor conseguiu, após longo período de observação e de análise psicológica dos pupilos da Tutoria, fixar certo número de princípios e de normas para o estudo desta população muito especial e estabelecer o sistema de protecção para os seus membros, tanta vez mal nascidos e tarados, sem reflexão nem educação, e filhos de pais também degenerados e enfraquecidos pelo vício e pela miséria.

Por isso a obra do sr. dr. F. da Fonseca representa não simplesmente a obra doutrinária, como a do P.<sup>o</sup> António de Oliveira, por exemplo, mas o saber experimental prolongado em estágio suficientemente longo para traduzir a autoridade de quem, com tanta clareza e discernimento, expõe os factos que interessam à vida daquele estabelecimento e aos métodos de observação e tratamento a que os menores do Refúgio são sujeitos, no intuito de operar a sua reabilitação e de lhes conseguir o amparo e o apoio moral, após o período de reclusão.

São, portanto, muito interessantes, no ponto de vista das ciências antropológicas, os factos de que trata este relatório, e particularmente os métodos apresentados para observação e estudo dos menores delinquentes, bem como a exposição dos meios de regeneração aplicados na Tutoria e ainda sôbre etiologia dos actos delinquentes na criança e a profilaxia adequada para os evitar.

B. F.